

A
Bahia
em pedaços



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JERÔNIMO RODRIGUES - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VÍCE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Angye Cássia Noia

Antônio Carlos Luz Costa

Cacá Gonçalves

Eduardo Lopes Piris

Elilton Rodrigues Edwards

Jussara Tânia Silva Moreira

Luana Paixão Dantas

Lurdes Bertol Rocha

Marcial Cotes Jorge

Maurício Santana Moreau

Mauro de Paula Moreira

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Sabrina Nascimento

Ronan Xavier Corrêa

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas

A Bahia em pedaços

Tradução de Aloísio Santos da Cunha e
Rafael Sancho Carvalho da Silva

Ilhéus - BA



Editora da UESC

2023

©2023 by ANTÔNIO FERNANDO GUERREIRO DE FREITAS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Álvaro Coelho

DIAGRAMAÇÃO

Sabrina Nascimento

REVISÃO

Roberto Santos de Carvalho

Tikinet Edição LTDA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862

Freitas, Antônio Fernando Guerreiro de

A Bahia em pedaços / Antônio Fernando Guerreiro de Freitas;
tradução de Aloísio Santos da Cunha e Rafael Sancho Carvalho da
Silva. – Ilhéus, BA: Editus, 2023.

366 p.: il.

Referências: p. 353-366.

ISBN: 978-85-7455-554-6

1. Bahia – História. 2. Bahia – Condições econômicas. 3.
História – Sul, Região (BA). 4. História – São Francisco, Região
(BA). I. Cunha, Aloísio Santos da. II. Silva, Rafael Sancho
Carvalho da. III. Título.

CDD 981.42

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB- 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


ASOCIACIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA
LATINA Y EL CARIBE

Sumário

| | | |
|---|---|-----|
| | Apresentação | 7 |
| | Introdução | 13 |
| 1 | Literatura e história: o romance regional | 27 |
| 2 | Bahia: o Sertão e o Sul antes de 1896 | 55 |
| 3 | Os recursos naturais e os meios: o caminho de ferro, a via navegável e o cacau | 87 |
| 4 | Na Bahia republicana e a construção de duas regiões (1896-1937) | 117 |
| 5 | O Sertão do São Francisco | 167 |
| 6 | A região cacauera | 225 |
| 7 | Juazeiro, a Corte do Sertão, e Ilhéus, a Princesa do Sul | 285 |
| | Considerações finais | 347 |
| | Referências | 353 |



APRESENTAÇÃO

Quase trinta anos se passaram. Um longo tempo, pelo menos para mim. Acontecimentos se sucederam, vivências antigas foram mantidas ou se renovaram, novas experiências aconteceram, a vida docente agitada e sempre prazerosa substituída pelo remanso da aposentadoria, o corpo saudável do sertanejo atingido por males que pedem vigilância, uma família de quatro membros ampliada pela chegada de noras e netos. Quem trabalhou com a história não pode estranhar essa dinâmica, faz parte e dá razão à própria vida.

O nome escolhido para a tese foi *Au Brésil: Deux Régions de Bahia (1896-1937)*. Não foi fácil decidir, mas tinha cara de tese, o que era apropriado. Desde o início o juízo soprava a palavra pedaço, mas eu sabia que jamais seria usada. Guardei, a utilizei em várias apresentações orais e, agora, surge no título do livro. Os meus alunos e os que conviveram comigo ao longo dos anos sabem que sempre fui um crítico da falsa homogeneidade baiana, até nas conjunturas mais duras, como aquela que acompanhou a última constituinte, quando se discutiu a criação de novos estados a partir de áreas do território baiano. Não está escrito em lugar algum que a Bahia é indivisível. Essa é uma questão aberta ao debate. E não devemos esquecer de que parte do que chamamos hoje de Bahia foi tomada, no século XIX, como castigo, dos pernambucanos rebeldes.

Na república, seabristas, juracisistas e carlistas, todos três personalistas e autoritários, tornaram-se líderes respeitados, aos quais a historiografia deve boas biografias, exploravam à exaustão a imagem e os símbolos de amor a uma Bahia homogênea, pacífica e fiel, a qual seria sempre bem cuidada pelos atos e providências por eles adotados. O primeiro não conheci, não foi do meu tempo, como se diz. O segundo, para alguns baianos do interior, foi quase um santo. Estive em duas casas do interior onde sua foto era iluminada por uma vela acesa. O último, talvez por ser uma manifestação mais recente e por ter herdeiros políticos em cena, ainda é citado com frequência, relembrado e objeto de comparação afetiva por seus admiradores, além de ter seu nome, e o do filho, emplacado por inúmeros equipamentos públicos de toda Bahia para que não nos esqueçamos deles. Desconfio até hoje de que os governadores da Bahia pouco conhecem do estado. Visitam o interior em campanhas ou inaugurações, eventos pouco reveladores das nossas

diferenças e contradições. Apenas quatro se formaram politicamente no interior. Mas três chegaram ao cargo por acidente, morte dos escolhidos originalmente. Restou um, então.

Transformar uma tese em livro é um grande desafio. O trabalho acadêmico da primeira tem regras, mais ou menos rígidas, que condicionam o autor desde a elaboração do projeto. No final, a apresentação de um texto para cinco leitores que, às vezes, pouca atenção lhe dedicam, sendo que alguns apenas passam os olhos. Quanto ao livro, em princípio, estaria voltado para um público maior, menos rigoroso, mas que teria outras exigências: linguagem simples e acessível, tamanho razoável e assunto de interesse. Ou seja, a passagem direta de tese para livro está sempre carregada de risco. Assumo a responsabilidade como autor e conferente, sem esquecer o exaustivo trabalho dos meus tradutores, Aloísio e Rafael, que seguiram fielmente a linguagem e as regras aplicadas a uma tese.

O presente texto é a tradução das 550 páginas da tese, na mesma ordem dos capítulos e com todas as notas de rodapé contidas no original. Dessa forma, o leitor é livre para escolher qualquer alternativa de leitura, entre elas, a de ignorar as notas explicativas, a listagem exaustiva de fontes e outros registros que considere ser mais apropriado ao conhecimento e crítica dos especialistas. Em razão da modernização e multiplicação da guarda das fontes, foi acrescentado à bibliografia uma relação de *links*, nos quais se pode consultar muitas das fontes utilizadas. Deixo claro: não é um livro elaborado a partir da tese. Não tive disposição para assim proceder, mas confesso que, às vezes, me deu vontade de percorrer essa trilha.

Logo após a volta ao Brasil, fui perguntado e cobrado sobre o interesse em fazer essa transformação. E não podia demorar, diante de outro risco: a desatualização do texto, ou seja, com o passar do tempo seria necessário, no mínimo, fazer uma atualização bibliográfica, incorporar à tese original novas discussões teóricas e metodológicas, como também o resultado de outras pesquisas que tratassem de problemática semelhante. A minha concordância com a tradução se deu porque fui convencido por alguns estudiosos de que a tese continuava original, várias abordagens seriam relevantes para a historiografia e a problemática tratada continuava fundamental para entender e explicar a Bahia. Outro argumento pesava. A tese estava em francês, uma língua quase morta no Brasil. Poucos teriam acesso e os exemplares disponíveis eram os do próprio autor. Enquanto a Sorbonne, após defesa e aprovação, distribuiu, em disquete, exemplares para todas as bibliotecas francófonas do mundo, no Brasil, só a Biblioteca Isaías Alves, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (FFCH/UFBA), possuía um exemplar nas suas prateleiras.

Outra forma de divulgação pode ocorrer através do parcelamento do texto, transformando-o em artigos, capítulos de livro, comunicações variadas etc. E essa foi a modalidade adotada, não por escolha ou convicção pessoal, mas para atender a demandas específicas ou para tornar público partes que despertavam maior interesse.

A primeira oportunidade surgiu um ano após a defesa, em 1993, quando fui considerado pela London University, mais precisamente a *The London School of Economics and Political Science*, um dos 50 maiores pesquisadores do cacau no mundo. Pediram-me um artigo e convidaram-me para um congresso. Utilizei a segunda parte do capítulo sétimo – Ilhéus, a Princesa do Sul – para atender ao pedido. Virou “*Ilhéus, The Southern Princess*”, o que deve ter ajudado a aumentar o reconhecido orgulho grapiúna. Não compareci ao evento, em razão de o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ter negado a concessão de uma passagem, entre outros motivos, por eu ser considerado um recém-doutor, portanto, não merecedor de custeio ou investimento. Um ano depois, quando tive acesso à hierarquia superior daquele órgão público, ouvi a sugestão de que nessas ocasiões procura-se quem realmente “manda”, não coordenadores compenetrados de comitês científicos. Não me surpreendi com nenhuma das duas atitudes. Sabia direitinho como o Brasil funcionava, afinal, trabalhava com sua história contemporânea.

Guardo da defesa os elogios unânimes ao primeiro capítulo da tese. Todos se encantaram com o conteúdo e a narrativa. O objetivo tinha sido alcançado, uma estratégia para apresentar aos membros da banca – três dos cinco sequer conheciam o Brasil – o interior da Bahia, do qual, se ouviram falar, certamente os temas considerados foram: açúcar, escravidão, tráfico, a primeira capital e seu recôncavo. Meus dois interiores eram distantes e desconhecidos.

Dizem – inclusive colegas queridos – que sou muito rigoroso quando participo de bancas. Talvez seja mesmo. Seria o meu jeito de contribuir com o autor, quando da apresentação de um longo e cansativo trabalho de anos. Não vejo esses encontros acadêmicos como lugar de elogios fáceis para quem fez e orientou. E foi assim comigo. Um dos examinadores perguntou-me por que eu insistia, em 1992, em fazer uso de conceitos marxistas, para ele, falsos e ultrapassados. Ouvi e respondi com sorriso discreto, não com palavras. Outro apontou a originalidade do capítulo sétimo, quando utilizei a documentação fiscal para analisar a história das cidades. Segundo o próprio, era a primeira vez que tal procedimento era adotado na historiografia latino-americana. Assim são as bancas, e nelas estive por mais de cem vezes: local de debate, de apresentação de ideias, às vezes discordantes, sempre tendo em vista o avanço do conhecimento.

Casar literatura e história em 1992 era uma novidade. Assim, após um curso oferecido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), os editores da revista *Politeia* perguntaram do meu interesse em publicar o primeiro capítulo. Concordei e, após a edição, recebi muitos comentários de leitores.¹ Recordo-me que, nessa ocasião, passei várias tardes em conversa com Wilson Lins, quando falávamos sobre sua obra literária, o que terminou em uma reunião pública na

1 Versão traduzida e modificada pelo autor do capítulo da Tese de Doutorado Au Brésil: Deux Régions de Bahia (1896-1937), defendida na Université de Paris IV, em 1992. Publicada em: FREITAS, A. F. G. de. Literatura e História: O Romance Regional. *Politeia - História e Sociedade*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 13-44, 2010.

Academia de Letras da Bahia, quando discutimos sobre sua inspiração, conteúdos, personagens e narrativa.

Em 1996, recebi convite da Companhia de Ação e Desenvolvimento Regional (CAR) do Governo da Bahia para elaborar um texto sobre a formação histórica do Oeste da Bahia, que faria parte de um projeto de desenvolvimento financiado pelo Banco Mundial para aquela região. Aproveitei a oportunidade e fiz uso do capítulo quinto da tese. Não podemos considerar uma publicação, pois o resultado foi de uso restrito da empresa pública e dos funcionários do banco. Entretanto, foi uma chance de contar minha visão do rio São Francisco e seus afluentes, dos ribeirinhos e barranqueiros, do apogeu e da crise da navegação.

Por fim, em 2002, após cursos oferecidos na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), a minha amiga e colega Maria Hilda Paraíso convidou-me para que, juntos, fizéssemos um livro sobre a história do sul da Bahia. Ela ficaria com os períodos colonial e imperial, e eu, com a república, o tempo do cacau. Nosso objetivo, diante da carência que observávamos, era oferecer um livro quase didático, que auxiliasse professores e alunos dos diferentes níveis de ensino da região, os quais não contavam com qualquer roteiro ou texto com esse caráter. *Caminhos ao Encontro do Mundo...*, publicado pela Editus, teve essa finalidade. Para a elaboração da minha parte, utilizei da tese o capítulo sexto e a segunda parte do sétimo.

Oralmente, os conteúdos da tese foram amplamente explorados. A começar pelas salas de aula da UFBA, nos cursos de graduação e pós, quando os estudantes ouviram e discutiram sobre os diferentes assuntos tratados, no decorrer dos 22 anos entre a defesa e a aposentadoria. Valeu a pena a bolsa concedida. A sociedade que financiou foi justamente recompensada. Do mesmo modo, nas universidades estaduais baianas, à exceção da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), tive oportunidade de falar sobre os temas pesquisados em cursos, conferências, bancas, seminários etc. Na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Jacobina, recordo-me bem do auditório cheio, dos meus pais na primeira fila e dos inúmeros amigos que foram me prestigiar, curiosos por saber sobre o que eu tinha estudado e escrito. Mas destaco a UESC, onde, certamente em razão da temática, ofereci cursos de graduação e pós, orientei dissertações de mestrado e atuei enquanto organizador e pesquisador do núcleo de história oral.

Por falar em história oral, gostaria de salientar que o uso dessa metodologia na tese ficou restrita a algumas observações de Saul Rosas e Valdomiro Cunha. Do mesmo modo que a literatura, o uso de testemunhos orais em tese de doutorado, na França, era visto com reserva. Assim, a orientação recebida dizia que, caso fosse usada, devia ter caráter complementar, jamais para tratar de questões centrais, especialmente comprová-las. Obediente, acatei sem reclamar. Mas foi um caminho aberto para três trabalhos futuros: Sá Barreto (2002), Canô Velloso (2009) e Paulo Pontes (2018).

Registro dois sentimentos de falta que carrego na minha trajetória. Não ter publicado o depoimento de Juca Alfaiate, nascido em Canavieiras, mas residente em

Itabuna. O nome indica sua segunda profissão. Antes tinha sido um jogador de futebol de reconhecido talento, atuou na seleção de Itabuna, transferiu-se para o Botafogo da capital, onde sofreu séria contusão. O seu reconhecido valor motivou a aposta do Fluminense do Rio de Janeiro em sua recuperação, o que não ocorreu. Como alfaiate, vestiu a sociedade grapiúna para os grandes eventos. Minha curiosidade estava dirigida para explorar as festas de aniversário do Instituto de Cacau da Bahia, instituição pública cheia de benesses para seus funcionários. Entre elas, o pagamento de dezesseis salários anuais, cuja nomeação evidenciava cada motivo: escolar, aniversário, junina, natalina. Das nossas alegres conversas vespertinas, guardo e gosto de comentar sua observação sobre a burrice dos homens que não sabem ou não gostam de dançar: “Bobos, o único momento que podem ter acesso ao ouvido de uma mulher sem testemunhas”.

O outro decorre do fato de não ter conseguido colher a memória de três antigas proprietárias de cabarés localizados na região cacauzeira. Os que leram Jorge Amado guardam vivas as recordações do Bataclam, suas argentinas, polacas e francesas. Não consegui convencer o trio a falar das suas lembranças. Uma me disse que os filhos não gostariam que ela falasse desses momentos vividos. Outra, modestamente instalada, considerava-se apenas uma antiga organizadora de festas para políticos e pessoas influentes, uma *promoter* atual. A última, bem situada na vida, proprietária de bens urbanos, após prometer falar, deixou-me duas horas à espera no térreo da sua casa, enquanto se reunia com familiares no andar superior. Ao descer, disse-me do veto recebido. A todas expliquei os procedimentos que seriam adotados, principalmente o anonimato, mas fiquei na vontade. Entre outros temas que tinha em mente estavam o lazer masculino, a origem das meninas, o comércio de donzelas, o valor das encomendas de virgens, a rotatividade de ambos os gêneros, ricos e pobres, custos e rentabilidade do investimento etc.

Nesse momento que escrevo, tenho no horizonte a preparação de um livro sobre a memória sertaneja baiana, que terá como fonte os testemunhos recolhidos na década de oitenta do século passado, entre eles, os de Saul, Vadu e o do deputado Manoel Novais, o mais longo parlamentar da República. O trabalho, realizado para atender à CAR/Banco Mundial, permanece inédito ao público.

Das inúmeras apresentações orais baseadas na tese, uma merece destaque. Emocionou-me em vários momentos, desde o convite até o pós conferência/debate. Atendi com prazer o chamado do meu colega Prof. Nelson Oliveira para falar em reunião de cerca de trezentos líderes rurais do vale sanfranciscano, realizada em Juazeiro. A fala noturna na iluminação mediana do ambiente não impedia a percepção do interesse despertado pelo que eu dizia. Meu olhar encontrava olhares masculinos e femininos que denunciavam curiosidade e concordância com o que ouviam. Confesso, transbordava de alegria e felicidade, o conhecimento historiográfico penetrava nos ouvidos daquele público, dava sentido e esclarecia muitas das dúvidas que acompanhavam aquela gente por toda vida. Tinha mais: quando me retirava

do local, aproximou-se uma senhora de meia idade e entregou-me um pacote. Não disse do que se tratava. Afastei o papel e vislumbrei dinheiro vivo. Chamei-a de volta e disse que, por princípio, não cobrava qualquer remuneração de trabalhadores. Foi uma longa argumentação das partes, mas terminei por convencê-la.

O tempo passava e quase me esqueci que tinha uma tese de doutorado inédita. Vários dos meus orientandos tinham publicado livros com base nas suas dissertações e teses. Na FFCH, a Profa. Lina Aras – registro o meu primeiro agradecimento por este livro – muitas vezes me fez lembrar da tese, fosse em cursos, bancas ou conversas. Fora de lá, o Prof. Edvaldo Boaventura, sempre que me encontrava, fazia-me recordar da dita. Dizia, você deve à Bahia a publicação da sua tese, especialmente à população sanfranciscana, a terra dos seus antepassados.

Em 2019, isolado, mesmo antes da pandemia, recebi em casa meu ex-aluno de graduação e pós, Aloísio, que queria uma cópia da minha tese. Pouco tempo depois, recebo a notícia de que ele e Rafael Silva, também ex-aluno, estavam interessados em traduzi-la e pediam minha autorização. Concedi e, já em 2020, comecei a receber capítulos para conferência. Aos dois – Rafael e Aloísio – serei sempre agradecido. Sem eles, a tese permaneceria inédita. Ambos estavam convencidos de que estudiosos e o público em geral mereciam conhecer os conteúdos tratados, considerados fundamentais para a compreensão da Bahia. Que tenham alguma razão.

Na revisão, contei sempre com a ajuda e o rigor de Mírian. Como na elaboração da tese, estive sempre ao meu lado, corrigindo, anotando e sugerindo. Para ela, o quarto agradecimento, sem ordem ou hierarquia.

Que o leitor usufrua do texto e compreenda, pelo menos, a formação de duas regiões baianas. Entender o todo é um desafio historiográfico extraordinário, um trabalho multidisciplinar, talvez. Os pedaços se reproduzem, aumentam ou diminuem, seus desenhos se alteram com o passar do tempo. Porém, muitas evidências permanecem em boa parte deles. Ao contrário do que discursam e propagandeiam os governantes, ampliados pela grande mídia, não somos nem grandes, nem a terra da felicidade. Somos, para a maioria da população, um território de pobres, desempregados, mal remunerados, com educação e saúde públicas precárias e muitos outros problemas reconhecidos pelos estudiosos e sentidos pelos baianos de todos os pedaços.

Tenho falado muito do tempo passado desde a defesa da tese. Não será diferente em se tratando da dedicatória. Se a tese foi aberta com a lembrança dos meus pais, um sertanejo e uma barranqueira, o livro, três décadas depois, me faz pensar e dedicar aos meus netos queridos:

Antonio, Nina, Eva e Laís,
Que vivam uma Bahia melhor e diferente da minha.

Salvador, julho de 2022.

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas